



# “NADA DE NOVO?”: A FORMAÇÃO DA IURD COMO HERDEIRA E TRANSFORMADORA DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO

*“Nothing new?”: the formation of the Universal Church as heir and transformer of brazilian pentecostalism*

Lucivaldo Ferreira Matos \*  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

DOI: 10.29327/256659.16.2-4

## RESUMO:

este artigo analisa o processo de formação da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), destacando sua inserção no campo pentecostal brasileiro a partir das influências institucionais e teológicas da Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) e da Igreja de Nova Vida (INV). Através de uma abordagem histórico-sociológica, o texto busca demonstrar que, embora amplamente classificada como neopentecostal, a IURD nasce como uma expressão típica do pentecostalismo tradicional, apropriando-se de práticas e doutrinas já presentes em igrejas anteriores, como o uso dos meios de comunicação de massa, a ênfase na batalha espiritual e a teologia da prosperidade. Ao articular elementos herdados com estratégias inovadoras, a IURD promove uma reconfiguração do pentecostalismo, adaptando-se às demandas do contexto urbano, midiático e econômico do final do século XX. A hipótese central é que a força da IURD não reside na ruptura com o pentecostalismo, mas em sua capacidade de reinventá-lo.

**Palavras-chave:** Igreja Universal do Reino de Deus; Pentecostalismo; Neopentecostalismo; Teologia da prosperidade.

---

\* Mestre em História pelo Programa de Pós Graduação em História, Culturas e Espacialidade da Universidade Estadual do Ceará, com pesquisa dedicada à análise da Igreja Universal do Reino de Deus, seus desdobramentos teológicos e o papel da instituição na ascensão dos chamados pastores coaches. É graduado em História pela mesma instituição, tendo experiência em ensino e pesquisa nas áreas de História das Religiões, História Contemporânea e Cultura Brasileira. Email: [professorvaldomatos@gmail.com](mailto:professorvaldomatos@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), fundada por Edir Macedo em 1977, é frequentemente enquadrada como um fenômeno neopentecostal inovador, marcado por estratégias midiáticas agressivas, ênfase na teologia da prosperidade e práticas litúrgicas centradas na batalha espiritual. No entanto, ao invés de representar uma ruptura completa com o pentecostalismo anterior, a IURD pode ser compreendida como uma expressão atualizada e estrategicamente adaptada de um legado já existente dentro do campo religioso brasileiro.

Este artigo parte da hipótese de que a IURD nasce como uma igreja pentecostal tradicional e, a partir de influências diretas de instituições como a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) e a Igreja de Nova Vida (INV), reconfigura práticas e discursos religiosos para se adaptar a um novo contexto urbano, midiático e econômico.

A partir de uma abordagem histórico-sociológica, o presente trabalho busca compreender o processo de formação institucional da IURD, suas principais influências doutrinárias e organizacionais, bem como os mecanismos pelos quais ela se tornou uma das maiores expressões do pentecostalismo contemporâneo no Brasil. Ao retomar autores como Paul Freston, Ricardo Mariano, Marcelo Camurça e David Bledsoe, argumenta-se que o sucesso da IURD está menos na criação de uma nova teologia e mais na apropriação e amplificação de elementos já presentes no pentecostalismo anterior.

## INFLUÊNCIA DA IEQ E INV

O sociólogo marxista e, também, sacerdote católico, François Houtart elaborou uma teoria que versa acerca da organização dos sistemas religiosos. Para ele, uma vez estabelecidas, as instituições religiosas têm como seu objetivo principal a perpetuação de sua própria existência.

Sua Sociologia (da religião) termina por definir que a lógica institucional é uma lógica da reprodução. E, se é a perpetuação a finalidade maior da instituição religiosa, ela tem que buscar criar uma certa ‘unanimidade’ numa base social formada por um público disperso em grupos e classes sociais distintos. Por isso, a mensagem veiculada por suas vias organizativas é de cunho genérico e abstrato: paz, amor e justiça (Camurça, 2013, p. 295).

Se o proselitismo não é reconhecido por todas as religiões como um dogma absoluto (o budismo p. ex.), nem por isso a lógica da finalidade de reprodução, elaborada por Houtart, se mostraria equivocada, posto que, nenhum credo objetiva o desaparecimento. Para sobreviver em um mundo cada vez mais competitivo para instituições religiosas, se faz necessário tomar medidas que, ocasionalmente, podem ir de encontro a alguma tradição ou mesmo chegar a modificar o credo, o rito e/ou o caráter da instituição. Para Houtart,

as novas representações e sentidos religiosos, fruto do contato com as transformações sociais, implicam mudanças na estrutura organizativa das igrejas. Isto se dá em meio a atrasos, conflitos, pressão das bases e dos intelectuais sintonizados com um pensamento menos comprometido com as normas eclesiais, mas que terminam por ser incorporadas na instituição (Camurça, 2013, p. 294).

Um excelente exemplo de instituição religiosa que se adaptou às mudanças histórico-sociais de seu tempo e que incorporou, de forma definitiva, a tecnologia dos meios de comunicação de massa no seu proselitismo, é a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ).

Fundada nos Estados Unidos em 1923 por Aimee Semple McPherson, a IEQ enfatizava a pregação do Evangelho e a crença no que seriam os quatro aspectos do ministério de Jesus: salvador, batizador com o Espírito Santo, médico divino e rei vindouro. Assim como outras igrejas americanas, ela abraça a teologia pentecostal, enfatizando a crença no batismo no Espírito Santo e a prática do falar em línguas como uma evidência desse batismo.

A IEQ chega ao Brasil na década de 1950 através da Cruzada Nacional de Evangelização (CNE). Como o nome sugere, foi um evento que não se limitava a uma única cidade ou região, mas ocorreu em várias localidades em todo o Brasil. Durante a CNE, a ênfase estava no evangelismo em massa e isso envolveu a realização de grandes reuniões, cultos ao ar livre, eventos especiais e atividades evangelísticas em locais públicos, com o objetivo de alcançar o maior número possível de pessoas.

A IEQ não teve um nascimento espontâneo no Brasil, ela foi trazida dos EUA. Sua primeira filial foi fundada em São João da Boa Vista, SP, em 15 de novembro de 1951<sup>1</sup>, pelo pastor Harold Edwin Williams, auxiliada pelo pastor Jesus Hermirio Vasquez Ramos. O primeiro

---

<sup>1</sup> A data, que coincide com a Proclamação da República brasileira, é considerada pelos adeptos como uma “nova Proclamação”, a oportunidade de uma “real libertação pelo Evangelho”. Cf. discurso do então senador Guaracy Silveira (DC-TO) de 14/11/2018 na tribuna do Senado. <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/11/14/guaracy-comemora-67-anos-da-igreja-do-evangelho-quadrangular-no-brasil>. Acesso: 10/10/2023.

natural de Los Angeles, EUA, e o segundo natural do Peru. A obra começou numa casa na cidade de Poços de Caldas, MG, junto com uma escola de inglês, indo depois para São João da Boa Vista, onde foi construído pelos fundadores um pequeno templo<sup>2</sup>.

Seguramente a IEQ promoveu mudanças significativas no meio pentecostal. Não em relação à doutrina em si, mas nos meios de como propagar essa doutrina e alcançar o maior número de pessoas.

A Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) favoreceria a formação de um novo modelo eclesial, gerencial e proselitista, marcado pelo abrandamento do sectarismo, liberalidade nos usos e costumes, diálogo interdenominacional, incorporação de práticas de gestão empresarial, marketing institucional, difusão do evangelismo de massa, uso de veículos midiáticos com fins proselitistas e promoção de eventos em espaços públicos, como praças, cinemas, ginásios, estádios de futebol e tendas de lona (Aleixo, 2019, p. 14).

De fato, o evangelismo midiático é um elemento fundamental da identidade da IEQ, uma vez que, já em seus primórdios, a *Foursquare Church* (como é chamada em inglês) se destacou como a primeira denominação religiosa a possuir uma estação de rádio própria. Em 1924, a *Kall Four Square Gospel* (KFSG), com estúdio e torre de transmissão localizados no *Angelus Temple*, foi inaugurada, transmitindo as pregações de Aimee Semple McPherson para diversas regiões, abrangendo parte dos Estados Unidos, Canadá, México, Panamá e Ilhas do Pacífico Sul<sup>3</sup>.

O contexto histórico do qual emerge a IEQ no Brasil foi marcado por uma série de mudanças sociológicas, que incluem: a migração de trabalhadores sem qualificação para as áreas urbanas em expansão; o progresso da industrialização; a luta e a resistência do país diante da globalização recente; e um súbito ressurgimento do nacionalismo. A IEQ parece ser a resposta do pentecostalismo à era moderna.

Contudo, esse perfil eclesial mais adequado ao contexto secular contemporâneo e às tendências modernizadoras em uma sociedade de massa não se limitava a uma audiência cativa, a uma “comunidade de escolhidos” ou a um grupo de virtuosos. Ele enfrenta um desa-

---

<sup>2</sup> Entre 1951 e 1988, a IEQ no Brasil esteve sob a autoridade da sede nos Estados Unidos, promovendo o desenvolvimento de redes missionárias que facilitaram um intercâmbio transnacional por meio de visitas a igrejas locais, campanhas evangelísticas e programas de formação teológica.

<sup>3</sup> Em outubro de 2005 a igreja vendeu a estação de rádio de Los Angeles KFSG-FM para o Sistema de Radiodifusão Espanhol por \$250 milhões. Cf. <https://www.sfgate.com/bayarea/article/san-francisco-popular-evangelist-elected-to-2752394.php>. Acesso: 13/10/2023.

fio significativo quando se trata de regular os significados, conexões e comportamentos religiosos de seus membros, uma vez que também se direciona a um público transitório e diversificado que circula dentro do cenário evangélico. Isso desembocará numa

autonomização das experiências religiosas (“crer sem pertencer”), a mobilidade dos laços de pertença, o trânsito de pessoas e símbolos no circuito evangélico, a crise das identidades herdadas e a perda de legitimidade eclesial em regular as trajetórias individuais de adeptos estáveis e episódicos (Aleixo, 2019, p. 14).

Com relação a esse ponto, concordamos com Isaltino Coelho (2004, p. 4) quando este observa que a IEQ trouxe à tona conceitos teológicos que posteriormente seriam refinados no que viria a ser conhecido como “neopentecostalismo”. Segundo o autor,

o neopentecostalismo está bem distante do pentecostalismo, embora este tenha sido contaminado por aquele. Mas os berços paradigmáticos de um e de outro são os mesmos. Sua ênfase teológica não é mais cristológica e sim pneumatológica. Ou seja, eles dão mais ênfase ao Espírito Santo do que a Cristo. Uma situação emblemática disto se vê na logomarca da Igreja Universal do Reino de Deus. Seu símbolo não é a cruz, indicando a centralidade da pessoa de Jesus Cristo, mas sim uma pomba, indicando a primazia do Espírito Santo (Coelho, 2004, p. 5).

A respeito da contaminação do pentecostalismo por este chamado “neopentecostalismo”, como sugere o autor, observa-se que um dos preceitos fundamentais, a teologia da prosperidade, não fazia parte da identidade da IEQ, “e mesmo nos dias de hoje não há um consenso denominacional sobre a questão” (Aleixo, 2019, p. 23). Será com essa teologia em mente que o canadense Robert McAlister e sua esposa gestam uma nova igreja a partir de um programa de rádio, a “Voz da Nova Vida”, que foi transmitido pela primeira vez no dia 1º de agosto de 1960, às 6h30h, através da Rádio Copacabana, RJ<sup>4</sup>. Segundo Bledsoe (2012), o bispo Roberto, como passou a ser conhecido pelos brasileiros e sua Igreja de Nova Vida (INV) foram pioneiros em pelo menos cinco aspectos que se tornaram catalizadores do movimento pentecostal:

em primeiro lugar, nos anos iniciais, McAlister foi o primeiro pentecostal a usar a forma centralizadora, episcopal, de governo. Segundo, o nível educacional, a competência nos negócios e as habilidades de levantamento de recursos de McAlister personificaram um tipo diferente de pastor pentecostal capaz de mobilizar liderança da classe média. Em terceiro lugar, a INV não apenas investiu em rádio, mas acrescentou a tele-

---

<sup>4</sup> Segundo a site da Igreja de Nova Vida, McAlister foi convidado para participar de uma campanha evangelística no Maracanãzinho, RJ, em 1958. Ao final, ele deveria continuar a correr o mundo pregando a Palavra de Deus. Foi neste momento que Robert ouviu uma voz: “Este é o lugar para o qual eu o chamei para pregar a minha Palavra”. Cf. <http://www.novavida.com.br/nossa-historia/>. Acesso: 01 nov. 2023.

visão às suas estratégias de comunicação de massa; algo que somente a BPC tinha tentado, por algum tempo, até aquele ponto. Quarto, McAlister criou um ambiente no qual introduziu as mais recentes inovações pentecostais provenientes da América do Norte, expondo-as aos seus devotados líderes. Finalmente, a INV realçou, em “forma embrionária”, as principais características da terceira onda: batalha espiritual agressiva contra poderes demoníacos, prosperidade material através da contribuição financeira e poucas reservas com relação a motivações materialistas (Bledsoe, 2012, p. 45).

Foi na INV que Edir Macedo se familiarizou com as práticas e doutrinas pentecostais, o que o influenciou profundamente. A princípio, ele iniciou sua presença em cerimônias evangélicas seguindo a influência de Elcy, sua irmã mais velha, que foi a pioneira na família a abraçar a fé evangélica, tendo sido cativada pelas pregações de McAlister que ouvia no rádio. Entretanto, sabe-se que antes ele também havia sido católico e participante da umbanda e do candomblé (Proença, 2006, p. 152). Durante seu tempo na igreja, Macedo se envolveu ativamente nos cultos e atividades, o que acabou por levá-lo ao ministério pastoral.

Durante esse período, com o auxílio de Romildo Ribeiro Soares, seu cunhado, (hoje, conhecido como “missionário R.R. Soares”), Roberto Augusto Lopes e Samuel Fidélis Coutinho, fundou a Igreja Cruzada do Caminho Eterno. Logo depois, Macedo e R. R. Soares consagraram-se mutuamente pastores, sendo que Edir Macedo passou a acumular também o cargo de tesoureiro da cruzada. Vale dizer que antes de fundarem a Igreja do Caminho Eterno, esses dois líderes nunca haviam exercido qualquer cargo eclesiástico; contudo – mesmo sem qualquer formação teológica específica – obtiveram a consagração para tal função (Proença, 2006, p. 154).

## O NASCIMENTO INSTITUCIONAL DA IURD

A obra literária que narra o nascimento da IURD e a ascensão de Edir Macedo como um dos religiosos mais influentes do Brasil intitula-se *Nada a Perder*, lançado em 2012<sup>5</sup>. No livro, Macedo apresenta sua trajetória pessoal como uma jornada espiritual marcada por provações e convicções inabaláveis. Segundo ele, a fundação da IURD nasceu de um chamado interior, resultado de sua insatisfação com as estruturas religiosas existentes e da busca por uma vivência mais direta da fé cristã. “O sonho de pregar o Evangelho mexia comigo dia e noite” (p.

---

<sup>5</sup> A obra *Nada a Perder* compõe uma trilogia autobiográfica escrita por Edir Macedo, com colaboração de Douglas Tavararo. O segundo volume (*Nada a Perder 2*) foi lançado em 2013 e trata da expansão internacional da Igreja Universal e dos bastidores da aquisição da TV Record. O terceiro volume (*Nada a Perder 3*), publicado em 2015, narra os bastidores do poder, a construção do Templo de Salomão e a atuação de Macedo como líder religioso e empresário da fé. O primeiro volume foi adaptado para o cinema em 2018 com o título *Nada a Perder – Contra tudo. Por todos*, dirigido por Alexandre Avancini. A sequência cinematográfica (*Nada a Perder 2*) foi lançada em 2019.

66), afirma, ao recordar sua passagem por outras denominações, como a INV, da qual se afastou por não encontrar liberdade para realizar o que entendia ser sua missão divina.

A atuação evangelística teve início de forma modesta, com cultos realizados ao ar livre no Jardim Méier<sup>6</sup>, no Rio de Janeiro. Armado apenas com uma caixa de som, um microfone e um teclado, Edir Macedo pregava todos os sábados sobre uma estrutura improvisada, reunindo pequenos grupos de ouvintes em torno de sua mensagem. Durante a semana, ele subia morros, distribuía panfletos e convidava moradores para os encontros, realizando batismos e consolidando os primeiros laços com sua futura comunidade de fiéis.

O aumento do público levou-o a alugar um espaço maior, o qual ele descreve como “a funerária que se transformou numa Igreja calorosa, palco de arrependimentos e vidas nascidas de novo” (Macedo, 2012, p. 30). Nesse momento inicial, Macedo já fazia questão de afirmar que “o sustento da nossa crença deveria ser a honestidade diante do povo e, principalmente, diante de Deus” (p. 26), revelando desde cedo uma combinação entre discurso moralizador, vocação carismática e senso estratégico de expansão religiosa.

A partir de então, a igreja entrou em uma fase de expansão contínua. Poucos meses depois, um prédio maior foi alugado na mesma via, que logo foi comprado e transformado no que se tornaria o primeiro templo oficial da IURD. As reuniões, “além do coreto nas noites de sábado, passaram, então, a ser realizadas em um antigo cinema em frente: o Bruni Méier. Depois, num local maior: o cine Ridan, no bairro da Piedade, também na Zona Norte do Rio” (Tavolaro, 2007, p 84).

Com uma perspicácia empresarial notável, capaz de superar muitos empresários, Edir Macedo percebeu desde cedo que o segredo para o crescimento estava na publicidade. Com seu conhecimento das estratégias de proselitismo adquiridas na INV (que, por sua vez, as legou da IEQ), ele logo alugou alguns minutos na rádio Metropolitana. Todos os dias, durante quinze minutos, Edir divulgava os princípios da IURD, sempre enfatizando, de maneira sutil através de uma emocionante retórica, os três pilares desse movimento pentecostal: cura, exorcismo e prosperidade financeira. “Já em 1977, quando fundou a IURD, Edir Macedo esta-

---

<sup>6</sup> O coreto situado no Bairro do Méier, RJ, foi tombado “por interesse cultural, histórico, religioso, social e turístico do Município do Rio de Janeiro” pelo projeto de lei Nº 290/2017, de autoria do vereador João Mendes de Jesus, do partido Republicanos.

va convicto de que o crescimento da instituição dependia de um meio de comunicação em massa." (TAVOLARO, 2007, p 84).

O crescimento da IURD desde seu nascimento é surpreendente. Segundo dados estatísticos coletados pelo sociólogo Ricardo Mariano:

seu crescimento institucional foi acelerado desde o início. Em 1985, com oito anos de existência, já contava com 195 templos em catorze Estados e no Distrito Federal. Dois anos depois, eram 356 templos em dezoito Estados. Em 1989, ano em que começou a negociar a compra da Rede Record, somava 571 locais de culto. Entre 1980 e 1989, o número de templos cresceu 2.600% (Mariano, 2014, p. 125).

Tal crescimento é espetacular para uma instituição que teve um início tão simples, sem pompa nem apoteoses, sem milagres nem profecias, nem nada sequer parecido com as hierofanias descritas por Mircea Eliade. Mas o fato é que a IURD é um sucesso. Seja do ponto vista financeiro, midiático ou religioso, estamos diante de uma empresa que começou com apenas um homem e em pouco mais de quatro décadas passou a valer bilhões de reais<sup>7</sup>, controlando emissoras de rádio e televisão, mídia impressa e digital e um partido político que atua em todas as esferas de governo.

O que está por trás dessa expansão desenfreada é a capacidade de adaptar seu credo a uma expectativa religiosa de uma população sincretizada entre um cristianismo mundano, crenças indígenas e religiões afro-brasileiras. Tal amálgama religioso, a qual José Bittencourt Filho (2003) chama de “matriz religiosa brasileira”, constituiu-se ao longo dos séculos através de permanências e rupturas de culturas que foram ora impostas ora naturalmente incorporadas pela sociedade brasileira, e que a IURD soube bem utilizar, preenchendo as lacunas necessárias. Atender as expectativas religiosas brasileiras é a maior especialidade da IURD, e ela faz isso praticando esse mesmo sincretismo e impondo-se como uma nova opção no campo religioso nacional. Conforme ficará mais claro nos próximos capítulos: a IURD busca ser a melhor escolha religiosa para os brasileiros.

---

<sup>7</sup> A IURD recebeu um total de R\$ 33 bilhões em doações por meio de transações bancárias no período compreendido entre 1º de janeiro de 2011 e 31 de julho de 2015. Quando ajustados para levar em conta a inflação, esse montante ultrapassa a marca dos R\$ 40 bilhões. Essas informações foram divulgadas em um relatório elaborado pelo Laboratório de Tecnologia contra Lavagem de Dinheiro, uma entidade vinculada ao Centro de Apoio Operacional à Execução do Ministério Público de São Paulo. O CAEx, como é conhecido, reuniu esses dados após a quebra do sigilo bancário da Igreja Universal, no contexto de uma investigação policial iniciada em 2014. Cf. <https://www.intercept.com.br/2022/07/20/universal-embolsa-33-bilhoes-em-doacoes-bancarias/>. Acesso: 8 nov. 2023.

Para atingir tal patamar muitas mudanças ocorreram ao longo da história da instituição, sendo a principal delas a associação com as crenças afro-brasileiras e com o judaísmo. Mas antes, como procuramos demonstrar nesse tópico, a IURD nasceu pentecostal. Chamá-la de neopentecostal não parece condizer com seu passado com características herdadas de instituições anteriores. De fato, ela nasce como todas as outras, sem nada de especial, imitando as igrejas norte-americanas, adaptando aqui e ali, pregando a já habitual teologia da prosperidade, expulsando os já conhecidos demônios e praticando as bem-sucedidas curas divinas. Nada de novo.

## **FRESTON E MARIANO: SEMELHANÇAS E DIVERGÊNCIAS**

Enquanto igreja de terceira onda, neopentecostal ou pós-pentecostal a IURD apresenta características próprias que a distinguem das demais instituições anteriores. Essas características são apresentadas por seus classificadores como aspectos inovadores que a destacam ao mesmo tempo em que a separam de qualquer linha pentecostal até então existente. Nossa premissa é de que ela se torna uma nova modalidade pentecostal graças às mudanças e adequações que irá sofrer ao longo das décadas de 1980 e 1990. Mas que, primeiro, ela nasce pentecostal.

Para demonstrar, retornaremos aos estudiosos que elaboraram tipologias pentecostais e entenderemos, nos seus respectivos pontos de vista, o porquê de a IURD ser classificada de modo diferente. Em seu artigo clássico<sup>8</sup>, Freston segmenta o movimento pentecostal baseado na ênfase que cada fase apresenta:

a IURD é uma atualização das possibilidades teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas do pentecostalismo. A frase de Macedo ("Jesus Cristo... antes de tudo, liberta as pessoas oprimidas pelo diabo") é programática. A ênfase da primeira onda pentecostal foi o batismo com o Espírito Santo certificado pelas línguas; a da segunda onda foi a cura; e a da terceira é a libertação, pelo exorcismo, da possessão maligna (Freston, 1994, p. 139).

Segundo o autor, IURD coloca uma forte ênfase na libertação das pessoas oprimidas por forças malignas. Esta característica se manifesta por meio de exorcismos e rituais específicos que visam combater a possessão demoníaca, um aspecto central na teologia e na prática

---

<sup>8</sup> FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

litúrgica da igreja. A declaração programática de Edir Macedo, “Jesus Cristo... antes de tudo, liberta as pessoas oprimidas pelo diabo”, exemplifica essa orientação. A IURD, portanto, representaria uma renovação dentro do pentecostalismo brasileiro na medida em que ela adaptou e evoluiu as práticas tradicionais do pentecostalismo para atender às demandas e contextos contemporâneos.

Para Freston, a IURD se diferencia de outras tradições pentecostais em aspectos como: a liberalidade no vestuário e ausência de disciplina rigorosa; uma hierarquia estruturada; ênfase na transformação interior; uso extensivo de símbolos religiosos, como correntes de oração; o enfrentamento direto de cultos afro-brasileiros; a expansão e diversificação de suas atividades, com controle centralizado e inovação constante; além da teologia da prosperidade, que é central, promovendo a ideia de que a fé e as doações financeiras levam ao sucesso material e espiritual. Entretanto, apesar dessa assimetria com o movimento clássico, a IURD permanece pentecostal:

de fato, a IURD é vista como evangélica pela grande maioria dos evangélicos. Seus estatutos afirmam o princípio protestante da autoridade da Sagrada Escritura somente. Por trás do sensacionalismo, vemos as ênfases típicas do pietismo. As histórias de conversão são contadas em linguagem tradicionalmente evangélica. [...] A IURD ensina a "marca tribal" do pentecostalismo, a glossolalia como evidência do barismo com o Espírito Santo. Contudo, é verdade que os membros da IURD falam quase casualmente das línguas; o deslumbramento é transferido para a cura (associada muitas vezes ao exorcismo) e a prosperidade. Isso não reflete, necessariamente, uma diferença de experiência, mas uma diferença de expectativa com respeito à ênfase apropriada nos "testemunhos" (Freston, 1994, p. 137).

Essa visão dos evangélicos sobre a IURD é crucial em qualquer discussão sobre a identidade e o papel dessa igreja no contexto religioso. Essa perspectiva não só legitima e inclui a IURD dentro do movimento, mas também influencia debates teológicos, práticas culturais, e estratégias de evangelismo, desde o apoio eleitoral até a formação de alianças políticas e sociais. A legitimidade conferida pelos evangélicos pode, assim, aumentar a influência da IURD em questões de interesse público.

Freston analisa a IURD no contexto da primeira metade da década de 1990. Este período foi marcado por um crescimento significativo em número de fiéis, pela ampliação de sua infraestrutura e pelo aumento de sua influência tanto no cenário religioso quanto no sociopolítico brasileiro. O rápido crescimento da IURD também trouxe à tona diversas controvérsias e críticas. A igreja foi frequentemente acusada de práticas questionáveis em relação à

arrecadação de doações e à forma como lidava com questões espirituais, como os exorcismos. Isso sem dúvida aumentou a visibilidade da instituição, que soube aproveitar as críticas e angariar membresia com o argumento de que estava sofrendo uma onda de perseguição religiosa.

Outro estudioso que se dedicou ao estudo e elaboração de uma tipologia pentecostal foi o sociólogo Ricardo Mariano, cuja obra *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, também já clássica, nos apresenta uma divisão similar à de Freston.

Justifica-se, assim, a divisão das duas primeiras ondas pentecostais pelo critério do corte histórico-institucional, mas não pela existência de diferenças teológicas significativas entre ambas. Tendo em conta que a segunda onda mantém o núcleo teológico do pentecostalismo clássico, mas se estabelece quarenta anos depois e com distinções evangelística e ênfases doutrinárias próprias, optamos por nomeá-la de deuteropentecostalismo. O radical *deutero* (presente no título do quinto livro do pentateuco) significa segundo ou segunda vez, sentido que o torna muito apropriado para nomear a segunda vertente pentecostal. Temos, assim, primeiro o pentecostalismo clássico, seguido do deuteropentecostalismo (Mariano, 2014, p. 32).

Para Mariano, a terceira onda recebe, portanto, o prefixo *neo* “tanto por remeter à sua formação recente como ao caráter inovador do neopentecostalismo” (2014, p. 33). Tendo como referência o trabalho de Freston, o autor restringe esse caráter inovador à apenas três características: a guerra contra o diabo, a teologia da prosperidade e o fim do ascetismo clássico. Sempre atento aos aspectos históricos-institucionais do movimento pentecostal, Mariano reconhece a importância de instituições anteriores à IURD no seu processo de formação, como a INV:

Embora pequena, genealogicamente pertencente ao deuteropentecostalismo, a Igreja de Nova Vida desempenhou destacado papel como formadora e provedora de quadros de lideranças das duas maiores igrejas neopentecostais do país: Universal do Reino de Deus e Internacional da Graça de Deus. De suas fileiras saíram Edir Macedo, R. R. Soares e Miguel Ângelo. Já na Nova Vida encontramos de forma embrionária as principais características do neopentecostalismo: intenso combate ao Diabo, valorização da prosperidade material mediante a contribuição financeira, ausência do legalismo em matéria comportamental (Mariano, 2014, p. 51).

O quadro abaixo sintetiza a visão dos dois autores:

**Quadro 1:** características da terceira onda pentecostal

Freston	Mariano
Teologia da prosperidade	Teologia da prosperidade
Hierarquia estruturada	
Expansão e diversificação de atividades	
Enfrentamento de cultos afro-brasileiros	Guerra contra o diabo
Ênfase na transformação interior	
Uso extensivo de símbolos religiosos	
Liberalidade no vestuário	Fim do ascetismo clássico
Ausência de disciplina rigorosa	

Fonte: elaborado pelo autor.

A influência na IURD de instituições pentecostais anteriores parece não se restringir à INV. Todos os aspectos apontados por Freston e por Mariano já existiam em igrejas antes da década de 1970. Para começar, a teologia da prosperidade.

## A ORIGEM DA TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E DO DISCURSO SOBRE O DÍZIMO

A Teologia da Prosperidade, como formulada nos Estados Unidos ao longo do século XX, encontra ressonância com um imaginário religioso e político mais amplo, cujas raízes remontam à doutrina do Destino Manifesto. Essa concepção, predominante no século XIX, sustentava a ideia de que os norte-americanos tinham uma missão divina de conquistar e civilizar os territórios do continente, legitimando a expansão territorial como vontade de Deus. Essa lógica sacralizava o progresso material, o domínio sobre a terra e o sucesso individual como expressões da bênção divina.

Com o tempo, tais valores foram transpostos para o campo religioso por meio de pregadores como Oral Roberts, T.L. Osborn e Kenneth Hagin, que passaram a afirmar que a fé cristã se manifesta em saúde, riqueza e vitórias pessoais. A Teologia da Prosperidade, nesse sentido, se relaciona com o cristianismo carismático, herdando também um ethos profundamente marcado por uma espiritualidade de conquista, onde a prosperidade não é apenas

desejável, mas um direito divino a ser tomado pela fé. Esse pano de fundo ideológico, enraizado em tradições político-religiosas norte-americanas, é fundamental para compreender como tal teologia foi transplantada e adaptada ao contexto brasileiro, especialmente no interior de igrejas como a IURD.

No Brasil quem fundamentou essa teologia, na década de 1960, foi o bispo canadense Robert McAlister, fundador da INV. Mas a implicação de prosperidade como uma consequência da fé tem uma longa história no protestantismo norte-americano. Vem da época dos puritanos (calvinistas) que finalmente encontraram abundância tanto quanto liberdade religiosa em sua nova terra. O calvinismo apresenta em sua doutrina a defesa do esforço para trabalhar em prol do acúmulo de riqueza como passaporte para uma vida de felicidade. De acordo com Max Weber<sup>9</sup>, estamos diante de uma visão abrangente da Ética do trabalho na lógica de produção do capital.

Porém, a característica distintiva da teologia da prosperidade do século XX é a milagrosa qualidade da benção: o bem-estar material não é resultado da virtude, mas é, *ipso facto*, o presente sobrenatural de Deus para o fiel. Mariano (2014, p. 152), situa seu início na década de 1940 nos Estados Unidos e aponta a relação dessa doutrina com o advento do televangelismo americano, além de afirmar que o mesmo processo relacional ocorreu no Brasil, a saber: pressionados pelas despesas crescentes com o tempo de televisão, altamente competitivo entre os televangelistas, os mesmos refinaram as formas de levantar fundos, integrando os apelos financeiros à teologia.

foi o televangelista Oral Roberts quem criou a noção de “Vida Abundante” e deu início à pregação da doutrina da prosperidade, prometendo retorno financeiro sete vezes maior do que o valor ofertado. Roberts passou a dar maior ênfase a tal mensagem a partir de 1954, quando, ao ingressar na TV, suas despesas aumentaram consideravelmente. [...] Nos anos 70, essa doutrina ganharia maior projeção por meio do ministério de Kenneth e Gloria Copeland, que a radicalizaram prometendo retorno centuplicado dos dízimos e ofertas (Mariano, 2014, p. 152).

A produção literária de Robert McAlister vai de temas que abordam desde doutrinas pentecostais até particularidades da vida cotidiana dos fiéis, dentre elas, a relação deste com o dinheiro. Entre os fiéis desta denominação, o livro *Dinheiro: um assunto altamente spiritu-*

---

<sup>9</sup> WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2013.

*al*<sup>10</sup>, escrito por McAlister, é altamente apreciado. Entretanto, algumas passagens deste livro podem ser surpreendentes para alguns cristãos que se autodenominam mais tradicionais:

quem vive cheio de medo não conhece as promessas bíblicas que Jesus fez sobre a paz interior, herança de todos os Seus filhos. Aquele que vive preso a uma constante luta financeira é vítima de ignorância sobre as promessas bíblicas a quem está em sintonia com as leis de Deus referentes a dinheiro (Mcalister, 1981, p. 12).

Nesse contexto, McAlister acredita que a vida espiritual das pessoas está intrinsecamente ligada à sua situação financeira, uma ideia corroborada pela citação a seguir:

Como eu já disse, a última coisa que o homem dá a Deus é a sua carteira. Muito mais fácil é entregar a Jesus o coração do que o dinheiro. Só que é impossível separar as duas coisas. A salvação abrange todos os aspectos da vida, até mesmo a conta bancária (Mcalister, 1981, p. 28).<sup>11</sup>

Em outro livrete, intitulado *Como prosperar*, McAlister discorre sobre os argumentos para o pagamento do dízimo pelos fiéis de sua igreja. Utilizando-se de simbologias e analogias com passagens bíblicas, ele admoesta os fiéis a pagarem o dízimo de forma regular e a confiar nos sacerdotes da igreja com relação à destinação do dinheiro. Compreender seu ponto de vista é importante devido a repetição que será feita pelo bispo Edir Macedo dos mesmos argumentos quando de sua pregação para a IURD.

Deus providenciou tudo para as mais diferentes aves do céu, e será que Adão precisava do fruto daquela árvore para viver? Não senhor. Da mesma forma, o leitor não precisa dos dez por cento do dízimo. [...] a Terra pertence a Deus. Ora, se eu possuo uma coisa, é lógico que eu tenha o direito de gastá-la ou dispor dela como eu quiser, não é verdade? Que dizer, então, do que Deus possui? É com o que Ele possui que todas as nossas necessidades terrenas e físicas são supridas. Quando, portanto, um homem se recusa a pagar seu dízimo, ele está nada mais nada menos do que recusando a admitir que Deus é o proprietário do Universo (Mcalister, 1978, p. 10).

---

<sup>10</sup> Esta obra e também *Como prosperar*, citada a seguir, são analisadas no presente trabalho enquanto fontes históricas. Partimos do pressuposto de que fonte histórica primária é aquela que trata de dados originais, fruto de um trabalho intelectual pioneiro e que, por conseguinte, dão ao pesquisador uma informação direta, sem nenhum tipo de mediação anterior sobre o objeto de estudo. Os livros propagandísticos de McAlister inserem-se nessa definição.

<sup>11</sup> Como resposta aos cristãos escandalizados com as falas de McAlister, é importante lembrar que dinheiro e religião sempre caminharam juntos ao longo da história. Mesmo que de maneira sub-reptícia, o dinheiro sempre esteve presente nas doações dos fiéis, influenciando a ética religiosa, nos conflitos e reformas. O que essa teologia da prosperidade faz é trazer à superfície o que antes estava submerso. “Uma ‘teologia da prosperidade’, por mais que fira nossa sensibilidade religiosa ou nosso puritanismo sociológico, parece ser a primeira manifestação coerente – não obstante as distorções que volta e meia, a este respeito, se manifestam na trajetória histórica das grandes empresas de fé – de uma ética religiosa em inteira harmonia com o espírito de nossa época.” Cf. MATA, Sérgio da. *História & Religião*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. E-book Kindle.

O símbolo aqui trabalhado é o da árvore do fruto proibido, presente no livro Gênesis. McAlister compara-a com o dízimo, afirmando que Adão ao comer o fruto proibido roubou de Deus assim como rouba quem não paga o dízimo<sup>12</sup>. A lógica é de que tudo pertence a Deus e ele, revelando toda sua generosidade, entrega ao ser humano 90%, exigindo apenas 10%. Mais à frente, McAlister diz:

nós todos conhecemos pessoas que não usam pagar [sic] o dízimo. Se tivéssemos a oportunidade de examinar suas contas pessoais, nós poderíamos ver que elas gastam dez por cento de seu ganho em contas de médico e outras emergências fora do orçamento porque a lei de Deus para eles não significa nada, ao passo que eles significam tudo. [...] Meu amigo, é justamente quando não estamos pagando o dízimo que não podemos evitar o dízimo. Se você não paga o dízimo, então não pode mesmo evitá-lo, porque haverá sempre uma emergência inesperada que simplesmente não pode deixar de ser satisfeita. Mas, comece a dar o dízimo e você verá que, não apenas deixará de evitá-lo, mas ainda fará mais do que isso. Você começará a dar outras ofertas além do dízimo (Mcalister, 1978, p. 20).

Em um artigo online publicado no site da IURD em 28 de agosto de 2012, o bispo Edir Macedo diz:

a Autoridade de Deus estava representada no Jardim do Éden por uma árvore. Hoje, essa mesma autoridade é representada pelos dízimos de cada ser humano. Quando a pessoa usa os dízimos em benefício próprio, consciente ou inconscientemente, está assumindo o lugar de Deus na sua vida. Daí o fato de ela jamais conseguir a felicidade neste mundo. E o pior, carrega sobre si a maldição.<sup>13</sup>

Vê-se nitidamente em qual fonte Macedo bebeu. Ambos veem o dízimo como um dever moral e uma forma de obediência a Deus, além de uma forma de financiar as necessidades da igreja, como salários de pastores, manutenção do edifício e programas religiosos. A sincronia entre os dois pregadores não é fortuita, considerando-se que a INV do pastor Robert foi a primeira igreja pentecostal que Macedo frequentou.

A análise da origem da teologia da prosperidade na INV e sua apropriação posterior pela IURD permite afirmar que esta última é, sem dúvida, filha legítima do pentecostalismo brasileiro. Entretanto, sua força não reside apenas na continuidade doutrinária, mas na forma

---

<sup>12</sup> Devemos tomar cuidado para não retrucar de imediato que uma única árvore no paraíso cristão não representaria 10% de todo o paraíso. É preciso ter em mente o que dissemos na Introdução a respeito do agnosticismo metodológico e o que nos ensinou Durkheim acerca da verdade em todas as religiões. Ademais, como bem nos lembra o professor Osvaldo Luiz Ribeiro em seu canal *A Tenda do Necromante* no Youtube: é possível justificar qualquer coisa com a utilização de alegoria bíblica. Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=4oUQdXMhkwY>. Acesso: 2 nov. 2023.

<sup>13</sup> <https://www.universal.org/bispo-macedo/post/dizimo-e-dizimista/>. Acesso: 2 nov. 2023.

como reorganiza e potencializa os elementos herdados, adaptando-os a novas linguagens e públicos.

Ao retomar os argumentos de McAlister sobre o dízimo (como símbolo de autoridade divina, como teste de fé e como fonte de bênçãos materiais), a IURD opera uma reinterpretação estratégica de seus fundamentos, moldando-os às condições midiáticas e econômicas do final do século XX. É nessa chave que se compreende sua trajetória: não como uma ruptura ou desvio, mas como uma reinvenção pentecostal em sintonia com os desafios e oportunidades de seu tempo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise da trajetória inicial da IURD evidencia que seu surgimento não se deu em um vácuo religioso, tampouco representou um corte radical com o pentecostalismo clássico. Ao contrário, a IURD se constitui como herdeira de um repertório já consolidado por igrejas como a IEQ e a INV, das quais absorveu práticas como o uso intensivo dos meios de comunicação, a ênfase na cura divina e no exorcismo, além da introdução sistematizada da teologia da prosperidade.

O diferencial de Edir Macedo e de sua instituição está na capacidade de adaptar essas práticas às exigências de um novo tempo: urbano, midiático, competitivo e marcado pela fluidez das identidades religiosas. Ao invés de negar o pentecostalismo, a IURD o reinventa, resignificando seus símbolos, doutrinas e estratégias proselitistas para atender a uma demanda religiosa em constante transformação.

A história da IURD, portanto, ilustra como a inovação no campo religioso brasileiro muitas vezes se dá por meio da reinterpretação criativa de tradições já existentes. O que nos permite compreender por que, diante de tantos elementos herdados, talvez não haja mesmo “nada de novo”, mas sim algo estrategicamente reorganizado.

## REFERÊNCIAS

- ALEIXO, Vítor Corrêa. Trânsito religioso e regulação institucional: um estudo de caso na Igreja do Evangelho Quadrangular em Belo Horizonte. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 39(3): 11-33, 2019.
- BITTENCOURT Filho, José. Pentecostalismo autônomo. In: **Alternativa dos Desesperados: Como se pode ler o pentecostalismo autônomo**. Rio de Janeiro: CEDI, 1991.
- BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BLEDSON, David Allen. **Movimento neopentecostal brasileiro: um estudo de caso**. São Paulo: Hagnos, 2012.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e UMESP, 1997. ORO Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean Pierre (Orgs.). **Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. Religião como organização. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Paulos, 2013.
- COELHO, Isaltino Gomes. **Neopentecostalismo**. Campinas, FTBC, 2004. Conferência teológica apresentada à Faculdade Teológica Batista de Campinas em 12 de abril de 2004.
- ELIADE, Mircea. **Tratado de História das religiões**. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2014.
- McALISTER, Robert. **Dinheiro: um assunto altamente espiritual**. Rio de Janeiro: Editora da Igreja de Nova Vida, 1981.
- McALISTER, Robert. **Como prosperar**. Rio de Janeiro: Editora da Igreja de Nova Vida, 1978.
- MACEDO, Edir. **Nada a perder**. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2012.
- PROENÇA, Wander de Lara. **Sindicato de mágicos: uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2006)**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2006.
- TAVOLARO, Douglas. **O bispo: a história revelada de Edir Macedo**. São Paulo: Larousse, 2007.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martín Claret, 2013.

## **ABSTRACT:**

This article analyzes the formation process of the Universal Church of the Kingdom of God (IURD), highlighting its insertion into the Brazilian Pentecostal field through the institutional and theological influences of the Foursquare Church and the New Life Church. Through a historical-sociological approach, the text argues that although commonly labeled as neo-Pentecostal, the IURD initially emerges as a traditional Pentecostal expression, adopting practices and doctrines already present in earlier churches, such as the use of mass media, the emphasis on spiritual warfare, and prosperity theology. By combining inherited elements with innovative strategies, the IURD promotes a reconfiguration of Pentecostalism, adapting to the urban, media, and economic demands of the late 20th century. The central hypothesis is that the strength of the IURD lies not in breaking with Pentecostalism, but in its ability to reinvent it.

**Keywords:** Universal Church of the Kingdom of God; Pentecostalism; Neo-Pentecostalism; Prosperity theology.

Recebido em 16/07/2025

Aprovado para publicação em 18/08/2025